

**XIV ENCONTROS
DE CINEMA**
VIANA 28 ABRIL • 04 MAIO 2014

3.^a CONFERÊNCIA
> INTERNACIONAL
DE CINEMA DE VIANA

PROGRAMA . 2014

XIV ENCONTROS DE CINEMA

VIANA 28 ABRIL • 04 MAIO 2014

3.ª CONFERÊNCIA > INTERNACIONAL DE CINEMA DE VIANA

PROGRAMA

02 de Maio . Escola Superior de Educação - Sessão 1

09:00h - 10:00h

Recepção aos participantes

10h00/10h25

Anfiteatro

Abertura

10h30

CINEMA, ARTE, CIÊNCIA, CULTURA

Anfiteatro

1.ª Mesa - 10h30/12.30h

2.ª Mesa - 14h30/16.30h

3.ª Mesa - 16h45/18.45h

10h30

NOVAS NARRATIVAS, NOVAS TECNOLOGIAS

Sala 11

1.ª Mesa - 10h30/12.30h

2.ª Mesa - 14h30/16.30h

CINEMA E ESCOLA

1.ª Mesa - 10h30/12.30h

2.ª Mesa - 14h30/16.30h

3.ª Mesa - 16h45/18.45h

3 de maio . Teatro Municipal Sá de Miranda - Sessão 2

10h00

DOCUMENTÁRIO CONTEMPORÂNEO

Outras atividades:

<http://www.ao-norte.com/encontros/2014/doc/olharesfrontais/olhares-frontais.pdf>

02 de Maio

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo . Anfiteatro

10:30h às 12:30h

CINEMA, ARTE, CIÊNCIA, CULTURA

1ª Mesa - Moderação Célia Vieira e José da Silva Ribeiro

Título

QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS NO FILME CHRONIQUE D'UN ÉTÉ.

Autor

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

CEMRI - LAV, Universidade Aberta

Nota biográfica

José da Silva Ribeiro licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, fez Estudos Superiores em Cinema e Vídeo na Escola Superior Artística do Porto, Mestre em Comunicação Educacional Multimédia e Doutor em Antropologia pela Universidade Aberta. Professor na Universidade Aberta e investigador do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta do CEDIPP da Escola de comunicação e Artes da universidade de São Paulo e do AVAL Laboratório de Antropologia Visual da Universidade de Alagoas. Responsável pelo Laboratório de Antropologia Visual. Coordena a Rede Imagens da Cultura / Cultura das Imagens. Realiza investigação e trabalho de campo em Cabo Verde, na América Latina e nas periferias urbanas de Lisboa e Porto. Autor e realizador de documentários e produtos multimédia. Publicou vários livros e artigos científicos.

Palavras-chave

Antropologia Repatriada; Inquérito Sociológico; Reflexividade; Antropologia Visual.

Resumo

O filme de Jean Rouch e Edgar Morin Chronique d'un Été, realizado no início dos anos de 1960, coloca uma série de questões no campo da antropologia, da sociologia e do cinema. Em primeiro lugar constitui um trabalho de referência de Antropologia Repatriada. Depois do percurso colonial e do interesse dos antropologia e do cinema pelos povos longínquos e culturas exóticas, Chronique d'un Été interessa-se pelo quotidiano dos jovens em Paris e interroga-se sobre o seu vivido a partir de uma pergunta inicial – como vives tu? És feliz? Em segundo lugar o filme constitui-se como inquérito sociológico ou sócio antropológico levantando toda uma série de problemas epistemológicos decorrentes da transposição para a plano da realização cinematográfica de questões fundamentais que continuam em debate na sociologia contemporânea como o valor metodológico das entrevistas, das entrevistas clínicas não diretas ou semi-diretas como meio de acesso ao conhecimento da realidade humana. A reflexividade constitui um terceiro ponto que marca este filme dando continuidade ao cinema verdade propondo-se criar um novo cinema verdade como é denominado por Edgar Morin. Propomo-nos analisar no filme referido e no material filmado que não fez parte da versão final os procedimentos de realização e montagem e a influência da obra de Jean Rouch cinema e na antropologia visual.

Título

PRODUÇÃO DE IMAGENS E ETNOGRAFIA: REFLEXÕES A PARTIR DE TRABALHO DE CAMPO NO SUDESTE MARROQUINO.

Autora

SILVIA MONTENEGRO

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET, Argentina) e Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra).

Nota biográfica

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, investigadora do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET, Argentina). Realiza pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra).

Palavras-chave

Etnografia; Imagem; Marrocos; Etnicidade.

Resumo

A partir de diversas etapas de trabalho de campo realizado no sudeste marroquino, esta comunicação pretende contribuir para a reflexão sobre a produção de imagens no contexto da investigação etnográfica. Com base em pesquisa sobre as relações entre religião e etnicidade em uma comunidade negra do sudeste marroquino, analiso a produção de ima-

gens como um elemento da relação pesquisador/informante. No caso estudado, a tradição religiosa se expressa através da música e das danças gnawa e, nesse contexto, o registro fílmico e fotográfico tem sido uma ferramenta fundamental. Nossa apresentação propõe tres momentos a partir dos quais refletir sobre a relação entre o pesquisador e a comunidade estudada no contexto da produção de imagens fílmicas e fotográficas: as danças rituais; a visita aos lugares sagrados e a elaboração de cartografias “nativas”.

Título

ANTROPOLOGIA VISUAL COMPARTILHADA E SEUS LIMITES. REFELXÕES E PRÁTICAS

Autor

GABRIEL OMAR ALVAREZ

Universidade Federal de Goiás

Nota biográfica

Graduação em Antropologia - Universidad Nacional de La Plata (1991), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1995) e Doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília (2000). Atualmente é professor adjunto na Faculdade de Ciências Sociais da UFG, foi professor visitante na Universidade do Estado do Amazonas e PRODOC no PPGAS/DAN/UnB. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em antropologia política, atuando principalmente nos seguintes temas: Políticas de integração no Mercosul, indústrias culturais e espaço público regional, etnografia, etnologia indígena e movimento indígena. Participou de cursos, seminários e ofereceu palestras na Espanha, Colômbia, Argentina e México. Tem 11 artigos publicados em periódicos, publicou 3 livros, organizou um e tem 8 capítulos em livros, os mesmos foram editados em diversos países como Brasil, Argentina, e México. Tem realizado consultorias para diversos Ministérios, como Ministério da Previdência Social, Ministério da Cultura e foi consultor por diversas organizações multilaterais, como OIT, PNUD, OEI e Banco Mundial, EUROsociAL.

Palavras-chave

Antropologia Visual, Hermenêutica, Metodologia.

Resumo

O trabalho discute a antropologia visual a partir do diálogo entre a perspectiva interpretativa, de Cardoso de Oliveira e a proposta de uma antropologia compartilhada de Jean Rouch. Esta proposta teórico-metodológica é analisada a partir da experiência etnográfica junto aos Saterê-Mawé. Nesta reflexão, os momentos interpretativos se desdobram a partir do uso do vídeo como estratégia de pesquisa. O registro e edição, feitos de forma compartilhada permitiram compreender a tradição cultural e produzir um material qualitativamente diferente, no qual se entrelaçam os recursos digitais com a construção de uma narrativa audiovisual compartilhada, a partir de uma tradição amazônica.

Título

BLADE RUNNER E A ENGENHARIA GENÉTICA.

Autor

JOÃO FRANCISCO DELGADO CERQUEIRA

Universidade do Porto

Nota biográfica

Mestre e doutorado em História da Arte pela Faculdade de Letras do Porto (A casa de férias do Concelho de Caminha; Por mares antes navegados: José de Guimarães na rota dos Descobrimentos e do Encontro de Culturas). Foi bolseiro da F.C.T, professor do ensino secundário e colaborador da revista Arte Ibérica e do jornal Aurora do Lima. Apresentou a conferência Guernica e a Guerra Civil de Espanha na Fundação Mário Soares, na Sociedade dos Amigos da República em Ourense e na livraria Zouk em Porto Alegre. É autor dos livros Arte e Literatura na Guerra Civil de Espanha (publicado em Portugal e no Brasil), A Culpa é destas Liberdades, A Tragédia de Fidel Castro, As Reflexões do Diabo, Maria Pia: Rainha e Mulher (em co-autoria com Manuel Pavão), José de Guimarães: Arte Pública (catálogo), José de Guimarães (publicado na China pelo Today Art Museum).

Palavras-chave

Engenharia Genética; Eugenia; Futuro; Distopia; Ética; Escravidão.

Resumo

Inspirado no livro Do Androids Dream of Electric Sheeps? de Philip K. Dick, o filme Blade Runner, de Ridley Scott, aborda do tema do uso da engenharia genética para criar seres perfeitos a partir de DNA humano. Num futuro próximo, 2019, numa Los Angeles sobrepovoada, decadente e sufocada pela poluição, os seres humanos que não abandonaram a Terra são confrontados com a revolta de um grupo de seres fabricados por engenharia genética. Denominados replicants, estas criaturas realizam a quimera de gerar um ser “humano” à semelhança dos deuses: são mais fortes, mais inteligentes e mais belos que o comum dos mortais. Este desejo de criar vida remete-nos para mitos como o Golem judaico,

os homúnculos da alquimia, Frankenstein de Mary Shelley, e a própria criação de Eva a partir da costela de Adão. E como se pretende uma espécie perfeita, surge, sobretudo, a questão da Eugénia. Gestados num laboratório em vez de um útero, os replicants nascem já com uma idade entre os vinte e os trinta anos, possuindo memórias falsas de uma infância que nunca tiveram implantada através de um chip no seu cérebro. Todavia, há um preço a pagar por tamanha perfeição: o seu tempo de vida é de apenas quatro anos. Além dessa limitação temporal, os replicants são criados com objectivo de desempenhar tarefas consideradas perigosas, degradantes ou tão só aborrecidas para os seres humanos. São assim fabricados modelos de combate, modelos destinados a trabalhar nas minas e na construção civil, e, entre outros, modelos cuja função é dar prazer aos seres humanos – ou seja, prostitutas e prostitutas. Como tal, conquanto estejam no plano físico e mental vários níveis acima dos seres humanos, os replicants não passam de seus escravos. Tal como no passado os homens com posses se dirigiam aos mercados de escravos para comprar criados, guarda-costas e concubinas, no futuro a humanidade reintroduz a mesma prática de adquirir seres “humanos” para satisfação das suas necessidades. E os mercadores de escravos são agora grandes empresas de biotecnologia, como a Tyrrel Corporation. Em Blade Runner a engenharia genética serve assim para perpetuar a prática da escravatura. Todavia, tal como no conto do aprendiz de feiticeiro, na história do Golem ou de Frankenstein, a criatura vai escapar ao criador. Uma versão melhorada dos replicants – os Nexus 6 –, desejosa de obter liberdade e mais tempo de vida, revolta-se e regressa à Terra.

Título MEMÓRIA E AFETO EM DIÁRIO DE SINTRA.

Autor
FRANCISCO ALVES DOS SANTOS JUNIOR
Universidade Federal da Bahia

Nota biográfica

Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporânea (PÓSCOM), mestre em Cultura e Sociedade (PÓS-CULTURA), ambos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Integrante do Grupo de Pesquisa Análise do Cinema Documentário Nanook (FACOM/UFBA), do Núcleo de Estudos da Crítica (NEC/ILUFBA) e do Grupo de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT/IIAC/UFBA).

Palavras-chave

Documentário; Arquivo; Memória; Engajamento; Afeto.

Resumo

Com uma câmara mão e muitas memórias na cabeça, Paula Gaitán, última esposa de Glauber Rocha, volta 25 depois a Sintra, cidade portuguesa em que morou com o cineasta e seus filhos – Erik e Ava Rocha, para realizar o documentário Diário de Sintra (2007). Narrado em primeira pessoa, Gaitán utiliza-se de uma série de arquivos caseiros e familiares (filmagens em Super 8 e fotografias), para reconstruir o exílio voluntário de Glauber Rocha no país, as suas memórias, os seus pensamentos sobre a vida, sobre o cinema e sobre o Brasil. Ao narrar as suas memórias ao lado do cineasta e de seus filhos, a diretora convoca os espectadores a engajar-se afetivamente e partilhar com ela os momentos de intimidade familiar. Levando-se tais questões em consideração, nossa comunicação tem como objetivo analisar a operacionalização da memória íntima e as formas de convocação afetiva dos espectadores em Diário de Sin tra (2007), de Paula Gaitán.

Anfiteatro . 14:30h às 16:30h

2ª Mesa - Moderação Gabriel Omar Alvarez e José da Silva Ribeiro

Título ECOLÓGICO DAS MEDIA NARRATIVAS.

Autora
EDUARDA ABRANTES

Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Arte e Design de Caldas da Rainha

Nota biográfica

Tem uma Licenciatura de 5 anos em Design Multimédia da ESAD.CR (Portugal). Publicou ilustrações em inúmeros jornais e revistas portuguesas, de entre as quais ilustrou o artigo “Nichos da Fama” para o semanário Expresso - Caderno de Economia e Internacional. Na revista Elle foram suas as ilustrações do artigo “Os 7 Pecados Mortais”, tendo criado também para a secção “Horóscopo” desta publicação os signos do Zodíaco. Ilustrou ainda semanalmente durante 20 edições consecutivas, de Julho a Novembro de 2003, a crónica de Edson Athayde “Os Trintões”, na revista DNA, suplemento de sábado do jornal Diário de Notícias. Para o Jornal i ilustrou “O Cunhado da Humanidade”. Recebeu o prémio Postais dos CTT referente ao dia dos namorados, e o prémio Jovens Criadores 2005 em Design Gráfico. Concurso que em 2006 teve toda a imagem gráfica e multimédia realizada pela mesma. Obteve em 2005 o Diploma de Mestrado em Audiovisuais, Multimédia e Interatividade na FCSH da Universidade

Nova de Lisboa (Portugal). Em 2008, o Diploma de Estudos Avançados em Artes Visuais e Intermédia na Faculdade de Belas Artes da Universidade Politécnica de Valência (Espanha). Em 2013 finalizou o Doutoramento em Artes Visuais e Intermédia na mesma Faculdade, com a tese "Narrativas Dinâmicas. Estruturas Interativas dos Novos Media na Rede".

Palavras-chave

Narrativas Dinâmicas; Narrativas Colaborativas; Estruturas Interativas; Arte em Rede.

Resumo

Sendo as bases de dados o centro do processo criativo na era do computador (Manovich) e sendo o seu medium de eleição a Internet, partimos da hipótese de que as narrativas dinâmicas para se adaptarem a este espaço têm de se moldar às características inerentes ao mesmo, fazendo uso das bases de dados - este deverá ser o seu foco principal para a sobrevivência neste medium. Apresento as narrativas ecológicas - estruturas narrativas que se criam ou não através da intervenção colaborativa, com a principal característica de fazer uso de bases de dados existentes. Reutilizando, reciclando e recontextualizando através de ligações semióticas, nestas participam todos os dados multimédia, como vídeo, fotografia, imagens gráficas, animação, som, texto ou outros elementos media misturados, podendo ser adaptados a estruturas pré-concebidas em prol de media ecologias e um posicionamento procomum (open source, creative commons, copyleft, etc.).

Título

PINA BAUSCH, ANÁLISE DE CONTRIBUTO. CORPO TERRITÓRIO.

Autora

TERESA NORTON DIAS

Universidade da Madeira | CEMRI - LAV, Universidade Aberta

Nota biográfica

Teresa Norton Dias. Natural de Beira/Moçambique faz a sua formação académica e artística entre aquela ex-colónia portuguesa, Portugal Continental e Insular e Londres, em Inglaterra, na Arts Educational Schools. É licenciada em História, variante de História da Arte, pela Universidade de Lisboa e Mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta. É membro da InSEA (International Society for Education Through Art) e foi associada fundadora da AAEAM (Associação Artística de Educação pela Arte na Madeira). É, desde 2011, investigadora integrada do CEMRI/UAb - LabAV. Em 2013 foi convidada para integrar a equipa de investigadores colaboradores do CLEPUL-Pólo Madeira. Ainda em 2013 integra a equipa de investigadores do projecto multidisciplinar "(Des)Memória de desastre? Cultura e perigos naturais, catástrofe e resiliência. Madeira, um caso de estudo" (CECC-UCP/CIERL-UMa). As suas principais áreas de interesse são as migrações e os fenómenos interculturais, a antropologia visual, media e mediação cultural, arte e educação, corpo e movimento.

Palavras-chave

Masurca Fogo, Pina Bausch, Fernando Lopes, movimento, corpo, território

Resumo

'Lissabon Wuppertal Lisboa', é o título do trabalho de Fernando Lopes sobre a obra de Pina Bausch intitulada "Masurca Fogo". Criada a partir de uma residência em Lisboa aquando da Expo 98, esta obra de Pina ajuda-nos a perceber não só, a sua forma transversal de construir as suas coreografias tornadas performance, como o seu trabalho sobre as fontes onde vai beber, neste caso à cidade de Lisboa, a sua inspiração. Entre os corpos e os territórios que se constituem e onde se movem, observámos (i)limites e fronteiras. Procurámos perceber como aconteceu em Pina Bausch 'Lissabon Wuppertal Lisboa', quando dos espaços se transpirou para as emoções vivenciadas, utilizando os corpos como veículos de comunicação. "Masurca Fogo!"; sob o olhar atento do cineasta português, Fernando Lopes.

Título

MANUELA E ADÈLE - HOMOSSEXUALIDADE NO CINEMA EUROPEU EM DUAS ERAS.

Autora

JOANA SOFIA BARRETO JOB MOREIRA PINTO

Universidade de Aveiro.

Nota biográfica

Nasceu no Porto em 1983. A sua licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (ramo bidisciplinar de Inglês e Alemão) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto apresentou-se como um primeiro passo numa educação que esperava multidisciplinar, mas sempre ligada às artes. Terminada a licenciatura acrescentou uma pós-graduação em Cinema Documental na Escuela de Cine de Barcelona onde trabalhou em dois documentários de 30 minutos como projecto final. Trabalhou ainda, durante algum tempo em turismo e educação. A título particular, a autora escreveu e realizou algumas curta-metragens antes de começar, no presente ano lectivo, o Mestrado em Comunicação Multimédia - Audiovisual Digital na Universidade de Aveiro.

Palavras-chave

Cinema Europeu; Homossexualidade; Feminismo; Sociedade.

Resumo

A Europa pré-guerra, e mais particularmente a Alemanha pré-guerra surge como pano de fundo para *Mädchen In Uniform*, um filme de Leontine Sagan. Já numa Europa contemporânea, especificamente em França, surge *La Vie D'Adèle*, de Abdellatif Kechiche. Apesar dos 82 anos de história que separam os dois filmes, muitos são os traços que os unem, a começar pelas suas narrativas de temática marcadamente homossexual. A forma como ambos os filmes exploram as lutas pessoais das suas personagens, Manuela e Adèle, usando-as como pano de fundo para analisar a sociedade em que vivem, e o entusiasmo contagiante típico do filme que não encontrou ainda precedentes, o que caracterizou a sua recepção, são outras das características que se assumem presentes nas duas películas e que servem de ponte para reflexão neste artigo.

Título

A DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA EM CINEMA: UMA ARTE ESCONDIDA.

Autor

ANTÓNIO AFONSO COSTA

Universidade Lusófona Humanidades e Tecnologias

Nota biográfica

Diretor de Fotografia. Site com CV completo www.tonymcosta.org; A finalizar o Mestrado em Estudos Cinematográficos pela Universidade Lusófona Fundador das seguintes entidades: Academia de Cinema Portuguesa; Associação de Imagem; Editor dos seguintes websites: CineGuia Portugal www.cineguiaportugal.pt; IMAGO the European Federation of Cinematographers www.imago.org; Publicou o livro: «Metodos & Procedimentos do Assistente de Imagem» 2005 ESTC; Organizador e diretor da Feira de equipamentos de Cinema e TV: Cine Video Expo Lisbon. www.cvelisbon.ulusofona.pt

Palavras-chave

Diretor de Fotografia; Operador de Câmara; Direito de Autor; Cinema; Fotografia.

Resumo

A direção de Fotografia em Cinema: Uma das mais importantes ferramentas artísticas em cinema é a fotografia. O ambiente e o tom são caracterizados pela fotografia e pela composição de imagem. A combinação da cor, o uso de contrastes, a composição dos planos, a execução dos movimentos de câmara são atributos que se devem ao diretor de fotografia. Ao Diretor de fotografia é dado o reconhecimento técnico e não lhe é reconhecida a capacidade artística e a importância da sua contribuição para o filme. Em muitos casos e na esmagadora maioria é atribuído estas particularidades ao realizador e não é partilhado com o diretor de fotografia. Isto acontece nos media como também nos meios académicos que têm tendência a ignorar a contribuição do diretor de fotografia no filme de ficção. É necessário mudar essa sensibilidade e procurar atribuir e reconhecer de forma justa a importância da fotografia num filme e do trabalho do diretor de fotografia.

Título

DE QUE FORMA A PERCEÇÃO SENSORIAL CONDICIONA A CONTEMPLAÇÃO ARTÍSTICA?

Autora

SOLANGE MALHEIRO PEREIRA

Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Nota biográfica

Bibliografia BBC (Realizador). (2011). Human Senses - sentidos humanos - Tato e visão [Filme]. Percepção. (s.d.). Obtido em 09 de 01 de 2014, de o cérebro e as suas incríveis potencialidades: <http://cerebro.weebly.com/percepccedilatildeo.html> Processamento das Emoções. (s.d.). Obtido em 09 de 01 de 2014, de o cérebro e as suas incríveis potencialidades: <http://cerebro.weebly.com/emoccedilotildees.html> Rodin, A. (s.d.). Frases e Pensamentos de Auguste Rodin. Obtido em 10 de 01 de 2014, de kdfrases: <http://kdfrases.com/autor/auguste-rodin>

Palavras-chave

Impressões Sensoriais; Falhas; Processos Cognitivos; Emoções.

Resumo

A percepção é a função cerebral que permite ao indivíduo organizar e interpretar as impressões sensoriais, de forma a atribuir significado ao meio envolvente, a partir de um histórico de vivências passadas. O seu processo consiste na aquisição, interpretação, selecção e organização das informações obtidas, podendo ou não depender de alguma informação proveniente da memória. À medida que adquirimos novas informações, a nossa percepção em relação a um determinado assunto vai-se alterando. Contudo, é de salientar que mesmo na ausência de alteração do estímulo, a sua interpretação poderá variar, por influência das experiências presenciadas pelo sujeito. Assim, após a chegada da informação ao cérebro,

vão-se estruturar e organizar continuamente as representações do mundo. É nele que se dá sentido ao que vemos, ouvimos e sentimos, dado que a informação proveniente dos órgãos sensoriais é processada no cérebro, estrutura do sistema nervoso na qual os estímulos ganham sentido e, por isso, significado. Após o reconhecimento ou tradução da informação dada ao cérebro, este transmite a emoção ou o sentimento que aquele estímulo provocou, só assim é podermos saber se estamos em perigo, se é algo agradável ou não, e mas este está limitado pela informação armazenada no cérebro, que muitas vezes manipula a informação ou falha, não dando o verdadeiro significado ao estímulo recebido. No cérebro, o sistema límbico regula as emoções, sendo tão poderoso que pode anular, tanto os pensamentos racionais, como as respostas vitais. A amígdala é responsável por qualquer resposta emocional.

Anfiteatro . 10:30h às 12:30h

3ª Mesa - Moderação Ana Beatriz Gomes Carvalho e José da Silva Ribeiro

Título

EXPERIÊNCIA, COTIDIANO E O COMUM: ESTÉTICA E ENCENAÇÃO NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO.

Autora

SCHELLA FRANCA DE SOUZA

Universidade Federal da Bahia

Nota biográfica

Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (2013-2017), onde desenvolve um projeto sobre estética e modos de encenação do cotidiano e do comum no cinema de garagem brasileiro, trabalho orientado pelo Prof. Dr. José Francisco Serafim. Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) em 2012. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Rádio e Tv, pela UESC em 2009. No campo da realização audiovisual, atua na área de roteiro, produção e pós-produção e tem participado da realização de curtas-metragens como O Maldito Ladrão de Memórias (ficção, 2009), Nos Trilhos do Tempo (documentário, 2009), Itabuna - 100 anos (documentário, 2010), Ferradas: um berço amado (documentário, 2011) e Pecado Perdoado (documentário híbrido, 2011). Suas principais áreas de interesse: Estética; Encenação; Linguagem; Cinema brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave

Cinema de garagem; Encenação; Estética; Cotidiano; Comum.

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir questões estéticas ligadas ao cotidiano e ao comum em filmes brasileiros contemporâneos, tendo como principal foco de análise a encenação. Para tanto, trazemos como corpus o filme A fuga da mulher gorila (2009). Trata-se de um longa-metragem brasileiro dirigido em conjunto por Filipe Bragança e Marina Meliande, que acompanha o dia a dia de duas jovens que encenam um espetáculo itinerante onde uma mulher se transforma em gorila, viajando dentro de uma kombi em turnê pelo interior do estado do Rio de Janeiro. O filme pode ser compreendido a partir de sua inserção em um contexto de produção que alguns estudiosos vem chamando de cinema de garagem. Esta nomenclatura é uma das formas de se referir à produção contemporânea menos comercial realizada no Brasil. Esteticamente, pode-se dizer que se trata de um conjunto de filmes realizados de maneira mais íntima, pessoal, voltada para questões de cotidianos particulares, que tecem uma relação mais próxima entre vida e filme, constituindo uma estética que parece colocar o cinema como fruto de uma experiência ordinária, compartilhada por sujeitos em sua vida em comum. Assim sendo, acreditamos que investigar as formas de encenação que privilegiam noções como experiência, cotidiano e comum sejam pontos-chave para a compreensão da constituição estética desses filmes e, em particular, de A fuga da mulher gorila (2009), foco de análise desse trabalho.

Título

CINEMA PERUANO: ESTÉTICAS DA EXPLORAÇÃO EM “ALTIPLANO”.

Autores

CARLA DANIELA RABELO RODRIGUES, CARLOS FERNANDO ELÍAS LLANOS

Universidade de São Paulo (USP)

Nota biográfica

CARLA DANIELA RABELO RODRIGUES (Doutora em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo-USP, Brasil).

CARLOS FERNANDO ELIAS LLANOS (Doutorando em Música, Universidade de São Paulo-USP, Brasil).

Palavras-chave

Cinema Peruano; Sociedade de Risco; Estética; Paisagem Sonora.

Resumo

O filme *Altiplano* (2009) aborda a dura realidade dos habitantes de uma comunidade próxima à cidade de Turubamba (Perú) que sofrem com a exploração da terra e também social. Essa exploração está relacionada às minas de mercúrio instaladas na região que geram contaminações e consequentemente reivindicações sociais. Combina um universo onírico com uma concepção ocidental de mundo para discutir desenvolvimento industrial voraz, capitalismo, exploração de recursos naturais e políticas sociais. Assim, este artigo verifica teoricamente as relações do filme com os preceitos dos estudos do Risco que operam nessa história de protesto, exploração, ameaças e danos. Esta linha de pesquisa concentra-se ainda na discussão sobre as múltiplas causas de conflitos sociais, desigualdades, dissidências e necessidade de mudanças sociais em relação ao risco com uma análise crítica às maneiras pelas quais as instituições sociais – como governo, sistema econômico e sistema legal – exercem poder sobre os indivíduos, reduzindo a sua capacidade autonomia. E por fim, este trabalho discute a linguagem cinematográfica adotada para evidenciar elementos da cultura andina fazendo uma análise da trilha sonora e seus referenciais estéticos que vão da religiosidade, passando por temporalidades e 'outras' paisagens sonoras.

Título

ANALISAR A PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES CULTURAIS DOS ALUNOS DA LICENCIATURA EM GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL. (POSTER)

Autora

JOÃO CARLOS BACELAR TRIGUEIRO ALVES

Aluno do 3.º ano da licenciatura em Gestão Artística e Cultural da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

Nota biográfica

Aluno do 3.º ano da licenciatura em Gestão Artística e Cultural.

Palavras-chave

Participação; Cultura; Artes; Público.

Resumo

Os portugueses são dos cidadãos da União Europeia com menores taxas de participação em atividades culturais, segundo o relatório "Eurobarómetro". Segundo este inquérito da Comissão Europeia sobre acesso à cultura e participação cultural, o primeiro nesta área desde 2007, no ano passado, apenas 38% dos cidadãos da União Europeia realizaram alguma atividade cultural. Sermos tão pouco ativos culturalmente é preocupante e é preciso perceber o que está a acontecer com a cultura em Portugal. A gestão artística e cultural insere-se num campo profissional bastante complexo. O gestor artístico e cultural deve conhecer o meio onde atua, identificando assim as potencialidades e singularidades locais e discutindo os vários aspetos derivados da política cultural. Analisar a participação em atividades culturais dos alunos da licenciatura em Gestão Artística e Cultural contribuirá para a análise deste problema.

Título

VIABILIDADE ECONÓMICA DE MAIS UMA SALA DE CINEMA EM VIANA DO CASTELO. (POSTER)

Autor

MARIA GORETT JÁCOME LIMA

Aluna do 3.º ano da licenciatura em Gestão Artística e Cultural da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

Nota biográfica

Aluna do 3.º ano da licenciatura em Gestão Artística e Cultural.

Palavras-chave

Cinema; Público, Viabilidade.

Resumo

A adesão do público às salas de cinema tem vindo a ser afetada pelas novas tecnologias. A sétima Arte tem sofrido grandes oscilações de adesão ao longo da sua história. Com a invasão da televisão nos lares, nos anos 60, verificou-se um decréscimo acentuado e sistemático, apesar da evolução da oferta cinematográfica com um número cada vez maior de filmes coloridos e do cinematóscopo. Esta tendência continuou nos anos 70 e 80, devido não só ao aparecimento da televisão por satélite como também pelo aparecimento dos clubes de vídeo e posteriormente da internet. Após o encerramento, no início de 2013, do Cinema Castello Lopes, a cidade de Viana ficou confinada à oferta cultural cinematográfica em salas

de cinema, pela associação de produção e animação audiovisual – AO NORTE. Esta lacuna fomentou a abertura de oferta alternativa no distrito, como foi o caso de Monção que reabriu a 25 de Abril do mesmo ano, o cineteatro João Verde, encerrado quase há 26 anos. O cinema Rio Lima, em Ponte de Lima, a Casa da Cultura de Melgaço e o cineteatro de Vila Nova de Cerveira são outras das alternativas possíveis. Reabriu entretanto, em Outubro de 2013, a sala de cinema encerrada pela Castello Lopes, desta vez pelo grupo Oriente Cinemas com a designação Cineplace. É, portanto, importante avaliar a viabilidade económica da abertura desta sala em Viana do Castelo.

Título

INFLUÊNCIAS PARENTAIS NOS HÁBITOS CULTURAIS. (POSTER)

Autor

SUSANA DÁLIA RODRIGUES BALTAZAR DIAS BRANDÃO

Aluno do 3.º ano da licenciatura em Gestão Artística e Cultural da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo Castelo

Nota biográfica

Aluna do 3.º ano da licenciatura em Gestão Artística e Cultural.

Palavras-chave

Cultura; Hábitos; Pais; Filhos.

Resumo

Segundo vários especialistas, o consumo cultural tem vindo a sofrer um decréscimo acentuado nos últimos anos, seja por dificuldades económicas ou até condições sociais. Além desses fatores, existe uma tendência a classificar esse consumo como elitista ou popular, existindo na ligação entre os vários estilos uma lacuna no que concerne à “qualidade” dos eventos produzidos e consumidos pelo público. Os gostos e o consumo cultural, maioritariamente nas três grandes áreas (teatro, música e cinema) podem ser adquiridos pela transmissão de conceitos parentais, ou então essas escolhas são completamente independentes, associadas à personalidade e vivências de cada um, sendo desta forma adquiridos e estimulados através de uma aprendizagem imposta ou voluntária. Numa sociedade em que o fosso ou a ligação parental entre gerações tem vindo a ser objeto de análise nas mais variadas vertentes, e numa época em que o consumo de cultura se encontra delimitado pela conjuntura atual, torna-se pertinente perceber, até que ponto os nossos jovens fazem as suas escolhas culturais baseados na educação ou estimulados pelos gostos dos pais.

Sala 11 . 10:30h às 12:30h

CINEMA: NOVAS NARRATIVAS, NOVAS TECNOLOGIAS

1ª Mesa - Moderação Casimiro Pinto e Patrícia Gouveia

Título

O CONFRONTO DE UMA LOCOMOTIVA COM UMA BICICLETA ELÉCTRICA. A PROJEÇÃO DIGITAL DE CINEMA NUMA ENCRUZILHADA DE INTERROGAÇÕES.

Autor

ANTÓNIO MANUEL DIAS COSTA VALENTE

Universidade de Aveiro

Nota biográfica

Docente na Universidade de Aveiro e investigador do ID+, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura. Dirige o Cine-Clube de Avanca, os “Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia - Avanca”, a “Avanca|Cinema - conferencia Internacional de Cinema - Arte, Tecnologia, Comunicação” e é co-editor do “International Journal of Cinema”. Produz e realiza cinema.

Palavras-chave

Cinema Digital, DCP, Exibição, Distribuição.

Resumo

Com o desaparecimento do filme como objecto físico e a sua substituição por um contexto virtual volátil entre diversos, sucessivos e instáveis suportes, construiu um conjunto de interrogações que justifica um profundo debate. As respostas tecnológicas não parecem fazer esquecer as respostas de mercado, cuja tipologia de acção parece seguir os caminhos de negócio trilhados ao longo de todo o séc. XX. Apesar da imaterialidade dos novos filmes, a sua projecção em sala continua a seguir paradigmas de tecnologia que parecem nada alterar ao contexto da exibição em suporte 35mm. Os novos projectores são de volumetria idêntica aos seus antecessores e o consumo de energia, em vários casos, passou a ser superior. A passagem abrupta em todo o mundo está a acontecer de forma voraz, acelerada e de forma obrigacional e quase contundente. Mas o início do processo foi marcado por

razões fundadas sobretudo em ganhos financeiros, amortizações facilitadas e multiplicação simplificada. A tipologia de dados técnicos conducentes à uniformização da projecção dos novos filmes virtuais pareciam garantir estabilidade e simplicidade de funcionamento de toda a indústria de distribuição e exibição cinematográfica. Estando a indústria a funcionar nos novos moldes, repentinamente parece ser urgente voltar a questionar custos, modelos, tecnologia e negócio. Uma nova e pesada máquina de exploração comercial está a paralelizar valores entre hoje e o ontem, acrescentando outros numa indústria que não parece viver os seus melhores dias. O que se adivinhava poder ser uma simples e prática “bicicleta eléctrica”, parece que se está a transformar numa nova e enorme “locomotiva” - pesada, difícil de manobrar e sobretudo a andar sobre imutáveis carris.

Título DIÁLOGOS NARRATIVOS: AS LINHAS DE APROXIMAÇÃO ENTRE O AUDIOVISUAL E OS VIDEOGAMES.

Autores

AFONSO MANOEL DA SILVA BARBOSA , ALLANA DILENE DE ARAÚJO DE MIRANDA

Universidade Federal da Paraíba.

Nota biográfica

AFONSO MANOEL DA SILVA BARBOSA *Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Letras, na área Literatura e Cultura, pela mesma instituição e, atualmente, cursa doutorado em Letras também na UFPB. Integrou o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), nas vigências 2008/2009 e 2009/2010. Participa do grupo de pesquisa “Ficção audiovisual, Comunicação e Produção de Sentido”, orientado pelo professor Dr. Luiz Antonio Mousinho Magalhães, que tem por objetivo a análise, interpretação e discussão de textos audiovisuais em correlação com seu contexto social e de produção.*

ALLANA DILENE DE ARAÚJO DE MIRANDA *Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba, atuou como professora em escolas de nível fundamental e médio, bem como na rede de ensino superior privada. Tem por interesses primários pesquisas com literatura fantástica, personagem e histórias em quadrinhos.*

Palavras-chave

Cinema; Videogame; Dialogismo; Mise-en-scène; Adaptação.

Resumo

Neste trabalho, pretendemos analisar as zonas de intersecção entre a linguagem audiovisual, sobretudo a cinematográfica, e a dos videogames. Para tanto, devemos examinar o percurso desse processo observando as relações dialógicas estabelecidas entre esses dois campos discursivos a partir das franquias, adaptações e influências mútuas registradas em suas narrativas. Nesse sentido, utilizaremos estudos sobre o dialogismo bakhtiniano a partir de Robert Stam e do próprio Mikhail Bakhtin, além de pesquisas sobre teoria da adaptação propostas por Linda Hutcheon. Como objeto central e produto dessas trocas entre dispositivos estéticos, traremos uma análise mais detalhada do jogo Red Dead Redemption (2009, Rockstar games), assinalando questões relacionadas à mise-en-scène do videogame e utilizaremos os preceitos teóricos de David Bordwell e Kristin Thompson aplicados ao game. O estudo se propõe a examinar a com posição de cena a partir de diversos aspectos como cenários, figurino, iluminação, tempo e espaço. Essa escolha se deu pelo valor simbólico que a mise-en-scène adquire no andamento do game Red Dead Redemption, que, além de situar determinado momento histórico, pode ter influência na experiência de jogo.

Título O VIDEOJOGO E AS SUAS PRÁTICAS - A EMANCIPAÇÃO DE EMÍLIO.

Autor

CASIMIRO PINTO

CEMRI - LAV, Universidade Aberta

Nota biográfica

Investigador do CEMRI - Lab- AV. Professor do 2.º ciclo do Ensino Básico na Escola EB 2/3 de Leça do Balio. Sou doutorado em Antropologia, especialidade de Antropologia Visual. Possuo o mestrado em Relações Interculturais que concluí na Universidade Aberta e um Curso Superior Especializado na área da Organização e Desenvolvimento Curricular. Antes concluí a licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Palavras-chave

Videogames; Utopias; Rousseau; Truffaut.

Resumo

O jogo, do ponto de vista antropológico, designa a experiência de o jogar. E que essa experi-

ência se faz, não apenas no limite do espaço instituído do jogo, mas no contacto entre o espaço de jogo e o espaço aberto social. Tornar o espaço de jogo num terreno de observação antropológica supõe a consideração do “instituído no jogo”, mas sobretudo do encontro jogador com o jogo, do jogadores com os outros e com os lugares que o jogo institui como espaços lúdicos, o que traz para o terreno da observação os movimentos criativos dos jogadores e a capacidades dos indivíduos em renovar as estruturas existentes. O videojogo, abordado na perspectiva de jogo profundo de Geertz obriga então a encará-lo como um espaço cada vez menos à parte (o seu imaginário, os seus códigos narrativos, o seu valor simbólico, constitui-o como mediação entre o jogador e os vários espaços reais onde conflui, virtuais ou atuais) numa dupla convergência; como um espaço de aprendizagem e de reprodução da vida social (ser proativo, reagir com rapidez aos desafios e à adversidade, levar por diante o que se iniciou, ...); e como espaço de experimentação de liberdade, de transgressão e de resistência ao instituído pelas regras sociais, de preservação da individualidade singular. E não será isso o retorno do utópico, da exaltação de uma educação sem mestre, melhor de uma atração apaixonada, sem coerção, pelo saber desejado, cujo único mestre são os amigos e os grupos de pertença? Não será o espaço de jogo o lugar que assegura a liberdade plena e o estatuto de maioridade, sendo legalmente menores os que o praticam, o lugar onde as paixões não são vergonhosas e o prazer não é proscrito (à maneira do Emílio de Rousseau)? Melhor: emancipando Emílio por não ter receio dos grupos de socialização genuína que dão expressão, contrariando ou desenvolvendo, às paixões que torna autónomo e ativo socialmente o indivíduo, que o faz capaz de se desvencilhar sózinho, de se tornar “maior” sem ser aluno para professores, filho para os pais, criança ou jovem para psicólogos. Não será hora de visitar “Emílio” de Rousseau? E “L’Enfant Sauvage” de Truffaut? Que papel para os videojogos nas utopias de sempre?

Título

MACHINIMAS COMO FORMA DE DOCUMENTAÇÃO DE PROJECTOS ARTÍSTICOS.

Autora

CATARINA CARNEIRO DE SOUSA

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Nota biográfica

Catarina Carneiro de Sousa (também conhecida como CapCat Ragu) é uma artista portuguesa nascida em 1975 no Porto, docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu desde 2007, Departamento de Comunicação e Arte. Desde 2008 tem dedicado a sua actividade artística a ambientes virtuais, concepção de avatares e construções digitais. Juntamente com Sameiro Oliveira Martins (também conhecida como Meilo Minotaur) é construtora do Sim Delicatessen, no Second Life, tendo já desenvolvido inúmeros projectos nessa plataforma, tanto individuais como em colaboração com artistas de diferentes nacionalidades e áreas de formação. Interessa-se pela natureza metafórica da linguagem da arte, pela corporalidade virtual e pela problematização do género, mas também pela possibilidade de um novo tipo de criatividade partilhada que se inaugura com as novas plataformas digitais de produção e divulgação das artes.

Palavras-chave

Autoria; Documento; Machinima; Produtilização; Simulação Virtual.

Resumo

Pretende-se, com esta comunicação, fazer uma reflexão sobre a utilização de machinimas como forma de documentação de projectos artísticos levados a cabo em ambientes virtuais colaborativos em linha. Projectos artísticos realizados em ambiente virtuais gerados pelos usuários têm uma natureza efémera e volátil. Numa grande parte das circunstâncias não é possível aos autores arquivarem o seu trabalho na totalidade, recorrendo assim a formas de registo que documentem a sua obra ou a de outros. A captura de imagens em movimento no ecrã torna-se uma forma de tentar registar a espacialidade e interactividade destes ambientes. No entanto, este processo de registo nunca pode ser neutro e corresponde a uma visão pessoal e criativa do seu autor (seja ou não o criador da obra documentada). Poderá a natureza criativa da captura e edição de machinimas tornar estes registos numa nova obra?

Sala 11 . 14:30h às 16:30h

2ª Mesa - Moderação Casimiro Pinto e António Costa Valente

Título

MACHINIMA: O CINEMA DOS METAVERSOS.

Autora

ISAURA DA CUNHA SEPPI

Centro Universitário Senac SP e Universidade Aberta.

Nota biográfica

<http://lattes.cnpq.br/2339773434595512> Possui graduação em Bacharelado em Pintura pela

Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1981), graduação em Licenciatura em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1982), graduação em Licenciatura Plena em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1983), graduação em Licenciatura Plena em Artes Cênicas pela Faculdade Marcello Tupinambá (1983), Especialização em Arte Educação pela Escola de Comunicação e Artes da USP (1985), Especialização em Ação Cultural pela Escola de Comunicação e Artes da USP (1987) e mestrado em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (2002). Experiência de 25 anos como Assessora de Arte Educação, Coordenação de Cursos Superiores de Graduação e Pós Graduação. Atualmente professora e pesquisadora do Centro Universitário SENAC SP. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em desenho e linguagem visual, atuando principalmente nos seguintes temas: artes visuais, imagem digital, design, fotografia, multimídia, dança teatro, arte e tecnologia, ciberperformance. Tem como foco de pesquisa atual o espaço da arte nos ambientes virtuais tridimensionais, os metaversos. Doutoranda em Média-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal e Doutoranda em Multimeios pela UNICAMP- SP.

Palavras-chave

Machinima; Realidade Virtual; Cinema Contemporâneo; Poéticas Visuais; Documentário.

Resumo

Machinima: O cinema dos metaversos O interesse por machinimas resulta da experiência imersiva no metaverso Second Life. Esse ambiente virtual tridimensional tem uma plataforma que utiliza a tecnologia dos games, entretanto baseia-se num conceito diferente de participação em que o usuário, chamado de residente, além de fazer parte e interagir com uma rede social mundial é produtor do conteúdo que ali se desenvolve diferentemente da maioria dos games onde as narrativas, temas e regras são previamente definidas por seus criadores. O machinima do inglês ou maquinema traduzido para o português foi escolhido para assim ser estudado como linguagem emergente fruto do hibridismo entre os games e o cinema e o cinema de animação ou cinematics. Este trabalho investiga, portanto, o machinima como linguagem audiovisual, suas possibilidades tanto no âmbito das poéticas visuais como no documentário, com o foco específico na sua produção nos ambientes virtuais tridimensionais, os metaversos. O estudo analisa trabalhos nessa área em busca de referências que permitam compreender as diversas formas e modalidades que o filme de captura de ecrã vem explorando, o que permite identificar nessas produções a apropriação de elementos de linguagem do cinema adaptadas à sua realidade tecnológica em que os tempos e narrativas tem características peculiares que acarretam lidar com novas situações relativas à captura das imagens e sua edição. Apresenta e analisa dois exercícios, um documentário e um vídeo-arte, com a intenção de revelar o processo de produção de machinimas com o objetivo de aprofundar os conhecimentos pensando em sua importância enquanto expressão, comunicação e documentação da cultura que se desenvolve em realidade virtual, por avatares nos metaversos. No sentido de aprimorar essa produção justifica-se o estudo dos aspectos técnicos e estéticos do machinima refletindo ainda quanto aos aspectos expressivos da imagem resultante da convergência de tecnologias e identificando sincretismos ou hibridismos na linguagem técnico-artística no cinema contemporâneo.

Título

A DESCOBERTA DA IDENTIDADE NO SECOND LIFE / A CONSTRUÇÃO DO EU / REPRESENTAÇÃO.

Autora

PAULA OLIVEIRA JUSTIÇA

CEMRI - LAV, Universidade Aberta

Nota biográfica

Licenciada em Filosofia (1985), Mestre em Filosofia do Conhecimento pela Universidade do Porto (1997) e Mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta (2003). Professora de Filosofia e Psicologia no ensino secundário, atualmente exerce funções na Escola Secundária da Gaíanha da Nazaré. É também investigadora do CEMRI e doutorada em Antropologia Visual, na Universidade Aberta.

Palavras-chave

Second Life; Machinima; Mundos Virtuais.

Resumo

O Second Life é uma plataforma digital e uma tecnologia criativa, em que cada pessoa pode construir tudo o que quiser, inclusive a paisagem que a rodeia e o avatar que a representa. Esta plataforma, tal como muitas outras, permite que se filme o que acontece no ecrã, chamando-se machinima a esta captura de imagens. Os machinimas, que geralmente têm o objetivo de retratar determinado espaço virtual ou equivalentem a curtas e longas metragens, não costumam ter um cariz etnográfico. No entanto, no domínio da Antropologia Visual, o mundo virtual traz-nos uma enorme possibilidade de pesquisas, quer porque aí também se encontram comunidades, com as suas respetivas subculturas, quer por ser mais fácil aceder-lhe em qualquer lado e comunicar informalmente com uma série de pessoas, de qualquer parte do mundo. Há críticas a este tipo de pesquisas, principalmente quando não se tem a certeza de quem se está a entrevistar ou porque neste mundo tudo pode desaparecer de um momento para o outro, inclusive os avatares e conseqüentemente as pessoas que eles representam. Mesmo que se considere o metaverso como o lugar da fantasia, esta não existe sem as pessoas reais que a criam ou vivenciam, que mantêm uma vida social, em que se

ligam aos outros pela partilha de interesses comuns. É esta partilha que permite a construção de comunidades, daí que se possa considerar que a identidade virtual inclui, tal como na vida real, uma faceta pessoal e outra social. Como também só existe identidade ligada a um corpo e como no mundo virtual este é mais facilmente modificável do que a própria identidade, mesmo que apenas virtual, subsiste o problema de esta ser constantemente influenciada pela aparência física que escolhemos para nos representar através do corpo do avatar. Mas apesar da multiplicidade de identidades e de corpos virtuais que cada um pode experimentar ou encarnar no metaverso, não existe a anulação de uma identidade definida e só o corpo enquanto carne é que está ausente na comunicação online, nomeadamente na que se estabelece através do Second Life.

Título

RECARDI - UMA REDE DE CULTURA E ARTE DIGITAL.

Autores

LUÍS ROMERO, PEDRO MIGUEL MOREIRA, CARLA DIAS, LUÍS CARRILHO

Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Notas biográficas

LUÍS ROMERO é formado em Engenharia de Sistemas e Informática pela Universidade do Minho, Portugal, tem um Mestrado em Knowledge Based Systems (Sistemas Baseados em Conhecimento), pela Universidade Heriot-Watt, Reino Unido, e um doutoramento em Informática com tese sobre o tema 'Integração Baseado em Vídeo de Ambientes Reais e Virtuais', pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. A sua experiência profissional inclui lugar de programador na Associação Industrial do Minho, Portugal, investigador do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, Lisboa, Portugal, e é atualmente Professor Adjunto no Instituto Politécnico de Viana do Castelo, onde ensina Ambiente de Programação Gráfica, Realidade Virtual, Programação 3D, Interação Gráfica Avançada, entre outros, em cursos de licenciatura e de mestrado. Interesses de investigação incluem Sistemas Gráficos Interativos, Realidade Virtual e Aumentada, Desenvolvimento de Jogos e Pervasive Computing.

PEDRO MIGUEL MOREIRA é Professor Adjunto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo no grupo disciplinar de Engenharia Informática e Multimédia. É o atual coordenador da licenciatura em Engenharia da Computação Gráfica e Multimédia. Realiza investigação e possui diversas publicações sob a forma de artigos em revista, capítulos de livros e artigos em conferências nacionais e internacionais. As suas principais áreas de interesse são Multimédia, Jogos Sérios, Interação Natural e Multimodal, Visão por Computador, Inteligência Artificial e Tecnologias da Internet.

CARLA DIAS é licenciada em Engenharia da Computação Gráfica e Multimédia. É atualmente bolsista de investigação no âmbito do Projeto RECARDI- Rede de Cultura e Arte Digital. As suas principais áreas de interesse são Animação/ Texturização/Modelação de personagens e ambientes virtuais, pós-produção de imagens 3D e Vídeo, Multimédia, desenvolvimento de Aplicações Gráficas Interativas na área interação homem-máquina.

LUÍS CARRILHO é licenciado em Engenharia da Computação gráfica e multimédia. É atualmente bolsista de investigação no âmbito do Projeto RECARDI- Rede de Cultura e Arte Digital. As suas principais áreas de interesse são a criação de projetos de Modelação 2D/3D, Multimédia, desenvolvimento de Aplicações Gráficas Interativas na área interação homem-máquina e Tecnologias da Internet.

Palavras-chave

Arte Digital; Cultura Digital; Preservação Digital; Plataforma Web.

Resumo

O consórcio RECARDI tem como missão a criação, dinamização e expansão de uma rede de excelência ativa na web, a REde de Cultura e ARTE Digital. Esta plataforma integrará funcionalidades que permitirão a experimentação e criação colaborativa digital em rede, a exibição virtual de artefactos digitais, o ensino e o treino virtual, assim como a construção e manutenção de um repositório de artefactos digitais, compreendendo ainda um conjunto de serviços especializados de catalogação e pesquisa avançados de artefactos digitais e conteúdos multimédia em geral. A plataforma irá contemplar também serviços de venda virtual de artefactos e ainda a preservação digital e a salvaguarda dos direitos de autor, aspetos que permitirão alicerçar uma rede nacional de excelência em arte e cultura digital. A infraestrutura da plataforma divide-se em 5 classes de serviços: colaboração e partilha; negócio digital; salvaguarda de direitos de autor; pesquisa avançada e catalogação e, por fim, preservação digital. Na sua versão inicial, estarão disponíveis cinco aplicações piloto: 'Experimentar', 'Colaborar', 'Expor', 'Aprender' e 'Narrar'. Estas implementam toda a gama de funcionalidades centrais a fornecer pela plataforma que vão desde o espaço de experimentação na criação de artefactos digitais, por programação de pequenas aplicações, ou por combinação simples de imagens, sons, música, cor, formas geométricas, entre outros, a partir de conteúdos multimédia em bruto, ou recorrendo a artefactos digitais já concluídos; tendo ainda a possibilidade de exibição virtual de trabalhos; de partilha de aplicações, artefactos e conteúdos; de integrar sessões de formação e treino; e ainda de desenho e de criação de conteúdos de cariz didático, na forma de narrativa digital.

Sala 12 . 10:30h às 12:30h

CINEMA E ESCOLA

1ª Mesa - Moderação Maria do Céu Marques

Título

O USO DE FILMES COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS À DISTÂNCIA: EM BUSCA DE NOVAS NARRATIVAS PARA OS FUTUROS DOCENTES.

Autora

ANA BEATRIZ GOMES CARVALHO

Universidade Federal de Pernambuco

Nota biográfica

Professora doutora da Universidade Federal de Pernambuco, lotada no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino e na Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica. Desenvolve pesquisas sobre os seguintes temas: Educação a Distância, redes sociais, Estudos Culturais, cultura digital, aprendizagem em rede e o uso de tecnologias na formação de professores.

Palavras chave

Educação à Distância; Políticas Públicas; Cibercultura; Sociedade Informacional; Formação de Professores; Recursos Imagéticos.

Resumo

O governo federal criou vários cursos de graduação a distância para formação de professores com o objetivo de melhorar a qualificação dos professores que estavam em sala de aula e formar novos professores para atuar na rede pública de ensino. No documento oficial que detalha os objetivos dos cursos a distância, está a necessidade de formar professores no contexto das tecnologias digitais. O uso de ambientes virtuais de aprendizagem possibilitam o uso de diversas ferramentas, incluindo a inserção de vídeos e imagens de diversos repositórios. Observa-se nas licenciaturas a distância uma diversificação de materiais e apresentação de conteúdos em diversas mídias, notadamente o uso de filmes para ilustrar, complementar ou fundamentar os conteúdos dos cursos. O objetivo deste artigo é analisar as estratégias didáticas com o uso de filmes nas licenciaturas a distância e qual é a sua repercussão na formação de futuros docentes. A pesquisa é qualitativa, estruturada na perspectiva dos Estudos Culturais e teve como campo de pesquisa três licenciaturas a distância (Letras, Geografia e Biologia) em instituições públicas localizadas no nordeste brasileiro. Os resultados indicam que com o uso de filmes como estratégia didática, é possível construir novas narrativas na perspectiva de organização do fazer pedagógico dos futuros docentes.

Título

MÍDIA E EDUCAÇÃO: “EDUCATING RITA” E A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA.

Autora

ALICE MANUELA MARTINS GUIMARÃES

CEMRI - LAV, Universidade Aberta

Nota biográfica

Profissão Professora de Inglês em escola secundária e docente de Literatura Inglesa no Instituto Politécnico do Porto - ESE : Investigadora de pós-doutoramento HABILITAÇÕES : - Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas - Universidade do Porto - Mestrado em Estudos Americanos (Literatura) - Universidade Aberta de Lisboa - Doutoramentos em Literatura Americana - Universidade Aberta de Lisboa PUBLICAÇÕES: “Winstanley: da Literatura para o Cinema” (Winstanley: From Literature to Cinema) ISBN: 978-972-674-699-7 Depósito Legal: 316625/10 - Universidade Portuguesa - Porto - 1,2,3 July 2010 Artigos científicos em revistas internacionais de arbitragem por pares: - Argentina - “Patterns of Utopia for the English Commonwealth: John Eliot and Gerrard Winstanley” Año II - Nº 5 (setembro-dezembro 2011) ISSN: 1852-9488 - Sarajevo - “Utopian Impulses during the English Interregnum: John Eliot and Gerrard Winstanley” - Epiphany, Journal of transdisciplinary studies: Vol. 6, No. 1, 2013 ISSN 1840-3719 AREAS DE INTERESSE : Utopias, Cultura Visual, Cinema, Diásporas, Turismo

Palavras-chave

Mídia; Educação; Cinema; Aprendizagem.

Resumo

O filme “Educating Rita”, de Willy Russell, que tem sido considerado por muitos como uma paródia à obra Pygmalion de Bernard Shaw, refere-se ao contexto social, histórico e cultural do Reino Unido nos anos 70, tendo em conta uma abordagem sócio- construtivista da aprendizagem. Num mundo globalizado como o de hoje, cresce a competitividade pelos locais de trabalho. Quanto mais competitivo se torna o mercado, mais a educação se torna uma potencial meio de sobrevivência ou de ascensão social. A educação contínua ou educação ao longo da vida manifesta-se, assim, uma característica fundamental na maioria das sociedades tecnológicas. Nesse sentido, cada vez mais adultos regressam à escola a fim

de “não serem ultrapassados” num mundo cada vez mais competitivo. Sendo o processo de aprendizagem uma prática social, este artigo pretende trazer uma reflexão sobre a importância da dimensão afetiva na situação do ensino/aprendizagem, mais especificamente no campo da aprendizagem contínua. No filme “Educating Rita”, a ênfase é dada ao aluno, responsável pela sua própria aprendizagem sendo capaz de procurar caminhos para realizar as suas potencialidades e sendo responsável pelas consequências das suas escolhas, num processo de experienciar, refletir e transformar-se através de uma aprendizagem que realiza já em adulto.

Título

O CINEMA E A ESCOLA: DIMENSÃO ÉTICA, PROJEÇÃO SOCIAL.

Autora

ANA LEONOR SERRA MORAIS DOS SANTOS

Universidade da Beira Interior

Nota biográfica

Licenciatura e profissionalização em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa. Mestrado em Filosofia pela Universidade da Beira Interior, com uma tese sobre ética distinguida com o Prémio D. Dinis 2005. Doutoramento em Filosofia pela Universidade da Beira Interior, com uma tese sobre as teorias da acção. Docente da UBI desde 2002, tendo leccionado disciplinas como Antropologia Filosófica e Ética em várias licenciaturas e pós-graduações. Membro do Instituto de Filosofia Prática e da Societé de Philosophie des Sciences. Autora de artigos como “A Democracia nos Limites da Escola. Ou da disjunção entre educação e política em Hannah Arendt” (2009) e do ensaio “Investigação acerca da possibilidade de ser eticamente imparcial” (2006), distinguido pela Sociedade Portuguesa de Filosofia com uma menção honrosa, no âmbito do Prémio de Ensaio Filosófico Vasco de Magalhães-Vilhena.

Palavras-chave

Autonomia; Cinema; Êthos; Ética; Escola; Pedagogia.

Resumo

A ética surge-nos como um ponto de intersecção entre o cinema e a escola dotado de uma pluridimensionalidade exploratória que nos propomos evidenciar. Se, por um lado, podemos ver numa obra fílmica o reflexo do êthos do cineasta, na medida em que nela se transmite, mais explicitamente ou mais subliminarmente, um ponto de vista, por outro lado, o cinema é um veículo pedagogicamente privilegiado na própria formação do carácter dos indivíduos, na qual a escola também participa. Partindo, pois, desta premissa, cuja sustentabilidade teórica será discutida, apresentaremos, num segundo momento, o exemplo da integração da ética na licenciatura em cinema (no caso, na Universidade da Beira Interior), mostrando as abordagens adoptadas e os respectivos frutos junto dos alunos, não apenas na qualidade de pessoas conscientes e autónomas, mas igualmente de futuros profissionais que assumem na sua arte um imperativo ético. Por fim, fazendo uma incursão na problemática da representação da escola no cinema, justificada pelo enquadramento dos filmes analisados com os alunos, será feita uma referência ao documentário Être et Avoir, de Nicolas Philibert, cuja análise permitirá entrever a natureza relacional do tríptico cinema-escola-ética.

Título

PROJETAR HISTÓRIAS - UMA EXPERIÊNCIA LÚDICO DIDÁTICA.

Autora

MAFALDA SOFIA TAVARES GOMES DE ALMEIDA

Universidade da Extremadura

Nota biográfica

Licenciada em Design de Comunicação e Técnicas Gráficas, inicia o seu percurso ligado ao ensino em 2002, por meio do Ensino Técnico Profissional, passando pelo Ensino de Especialização Tecnológica e terminando como Professora Assistente dos cursos de Licenciatura em Design de Comunicação e Design de Animação e Multimédia, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal (2004/2012). Mestrado em Tecnologia Multimédia (FEUP), Diploma de Estudos Avançados (UEX). Atualmente dedica-se em exclusivo ao seu doutoramento, Universidade da Extremadura, Badajoz, Espanha.

Palavras chave

Pré-cinema; Ensino expressivo; Jovens Especiais.

Resumo

Surge o homem e com ele a necessidade de anotar tudo o que o envolve, socorrendo-se de desenhos e pinturas, dá início nas cavernas, ao seu processo de registo gráfico. No entanto, para o homem conseguir uma simples projeção, como a conhecemos hoje, foram necessários muitos anos de experiências e investigações multidisciplinares. Conscientes ainda, de que na sociedade contemporânea a imagem, quer estática quer animada, ocupa cada vez mais um lugar de destaque, e onde o mundo virtual se torna cada vez mais presente, é in-

dispensável adotar e adaptar novas estratégias de ensino, que vão ao encontro desta nova realidade. O objetivo central da apresentação desta comunicação é expor uma experiência em contexto específico de vida real, de alunos que pertencem a Cooperativas para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados (CERCIS). O projeto lúdico-didático, ainda em curso, procura a partir dos primórdios da projeção cinematográfica, criar e desenvolver histórias com base na imagem e um aparelho de projeção - Lanterna Mágica.

Título

AUDIOVISUAL, EDUCAÇÃO E COMUNIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DO FILME GEOMIGRANTES.

Autora

PATRÍCIA GONÇALVES SALDANHA, TATIANE MENDES PINTO

Universidade Federal Fluminense

Nota biográfica

PATRÍCIA GONÇALVES SALDANHA Possui mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003) e doutorado em COMUNICAÇÃO E CULTURA pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicidade e Propaganda, comunicação comunitária, Eventos e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão humanista no social, construção contra-hegemônica, Estado/Universidades perpassados pelo mercado, comunicação comunitária e possibilidade contra-hegemônica e publicidade Comunitária. Com forte atuação na estruturação e na vice-coordenação do LECC (Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária/ECO/UFRJ): na organização dos Encontros Bienais, palestras bimensais e atividades realizadas pelo Grupo de Estudos durante 10 anos. Fundadora do Laccops (laboratório de investigação em comunicação comunitária e Publicidade social) e membro constituinte da fundação do INPECC (Instituto Nacional de pesquisa em Comunicação Comunitária). No período em que teve sua Graduação trancada, finalizou 6 cursos de Especialização no Baruch College (NY/EUA). Graduiu-se em Publicidade e Propaganda e tem significativa experiência no mercado profissional, além de larga experiência docente em Universidades Públicas e Privadas, com participação em bancas de graduação, mestrado e doutorado e orientações monográficas. Publicou artigos em eventos Nacionais e Internacionais.

TATIANE MENDES PINTO Mestranda em Mídia e Cotidiano na Universidade Federal Fluminense. Bolsista Capes. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela FACHA (2010). É especialista em Artes Visuais (2010).

Palavras-chave

Audiovisual; Comunidade; Sociedade Civil; Educação; Estado; Héxis Educativa.

Resumo

Este trabalho parte dos conceitos de audiovisual¹, educação e comunidade para pensar as construções simbólicas e possibilidades de reflexão crítica no filme *Geoimigrantes* (Gildásio Jardim, 2010), realizado com alunos da comunidade do Encachoeirado, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. A hipótese apresentada é de que a produção de filmes incentive o compartilhamento e a invenção coletiva - essenciais à formação do ser, sobretudo num momento da atualidade onde o sujeito sofre importantes mudanças, vinculando sua cidadania às possibilidades e impossibilidades do consumo. Através das imbricações entre mídia e cotidiano, foi delineado um caminho cujos eixos centrais se sustentam no método de revisão bibliográfica e análise fílmica, nas representações geradas em relação à comunidade e o papel do audiovisual na intervenção do cotidiano e na mediação entre sociedade e Estado, através dos conceitos de cinema (BENJAMIN, 2012), comunidade (PAIVA, 2003), Estado (HOBBS, 2006), educação (SODRE, 2012; SIBILIA, 2012), héxis educativa (SODRÉ, 2009) e sociedade civil (GRAMSCI, 1999; ACANDA, 2006).

Sala 12 . 14:30h às 16:30h

2ª Mesa - Moderação Ana Leonor Serra Morais dos Santos

Título

A EXPERIÊNCIA PIONEIRA DO CINEDUC.

Autora

ELISABETE BULLARA

Cineduc - Cinema e Educação, Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro

Nota biográfica

Formada em Cinema pela Universidade Federal Fluminense. Jornalista e fotógrafa. Secretária Executiva do CINEDUC, onde trabalha desde 1975. Desde então, participa de cursos para crianças e adolescentes, formação de professores, criação de materiais didáticos, curadorias, palestras, mesas redondas, e consultorias para universidades e secretarias de educação de estado e município. Curadora da Mostra Geração, segmento infanto-juvenil do Festival Int'l do Rio.

Palavras-chave

Cinema; Educação; Educação para o audiovisual; História; Arte; Formação de Professores.

Resumo

No artigo contamos um pouco do nascimento e da trajetória do Cineduc para estabelecer o pensamento que norteou a criação de sua metodologia de trabalho com crianças, jovens e educadores. Essa trajetória metodológica envolve não só as transformações teóricas e tecnológicas, mas sobretudo as mudanças no comportamento social, já que, da década de 70 aos anos 2010 existe um abismo no modo da sociedade explicar e aceitar temas como sexualidade, organização familiar, relação dos indivíduos consigo e com os outros. Do super-8 às câmeras Full HD, da generalização das críticas ao currículo escolar, da repressão à aceitação da atividade e orientação sexuais e, no caso brasileiro, da ditadura militar, com seus dispositivos de censura à liberdade de pensamento e de expressão, inclusive artística.

Título

O FILME NA SALA DE AULA: PRETEXTO PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA.

Autora

MARIA DO CÉU MARTINS MONTEIRO MARQUES

CEMRI - LAV, Universidade Aberta

Nota biográfica

Professora Auxiliar, de nomeação definitiva, na Universidade Aberta, é licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorada em Filologia Inglesa pela Universidade de Salamanca. É investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Laboratório de Antropologia Visual e colaboradora do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). Tem orientado dissertações de mestrado e teses de doutoramento na área dos Estudos Ingleses e Americanos (literatura e cinema), das Ciências da Educação e participado em vários encontros e conferências em Portugal e no estrangeiro. É autora de vários artigos nas áreas da literatura, cultura e cinema publicados em atas de congressos nacionais e internacionais e capítulos de livros.

Palavras-chave

Cinema; Escola; Crítica; Inovação; Imagem.

Resumo

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre a exploração do filme na sala de aula enquanto ferramenta essencial no processo ensino-aprendizagem dos estudantes de diferentes áreas. Tentaremos demonstrar que ensinar através do cinema, para além de educar o olhar, permite uma transformação de consciência e constitui uma experiência marcante. Nas últimas décadas do século XX, devido à importância que a imagem e os media passaram a ter na vida dos cidadãos, a escola modernizou-se ao adotar novos procedimentos no que respeita às práticas pedagógicas, que passaram a incluir as novas tecnologias. Os educadores utilizam, cada vez mais, os diversos meios de comunicação para imprimir novas dinâmicas ao seu trabalho e, a utilização do filme como recurso didático na sala de aula passou a ser uma prática recorrente e transversal a muitas áreas do saber por enriquecer a aprendizagem. Tendo em conta a nossa prática pedagógica, procuraremos mostrar como um meio de divulgação de formas de pensar e de agir, o filme constitui um documento que permite estudar o passado, o presente e imaginar o futuro.

Título

EXPRESSÃO VISUAL E IMAGINAÇÃO - UM PROJETO DE ANIMAÇÃO ESCOLAR.

Autores

CASIMIRO PINTO, DOMINGOS JÚNIOR

CEMRI - LAV, Universidade Aberta

Nota biográfica

CASIMIRO PINTO *Doutorado em Antropologia Visual. Investigador do CEMRI - LabAV. Professor do 2.º ciclo do Ensino Básico na Escola EB 2/3 de Leça do Balio.*

DOMINGOS JÚNIOR *Arquiteto. Lecionou no Ensino Superior e no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Professor voluntário no Clube das Artes na Escola EB 2/3 de Leça do Balio.*

Palavras chave

Imaginação; Arte; Animação; Aprendizagem.

Resumo

O artigo relata o desenvolvimento de um projeto por crianças e jovens para a realização de filmes de animação. Em especial, esta atividade revela que a linguagem utilizada na produção e realização dos filmes tende para o estereótipo e para a “infantilidade” temática, relativamente ao nível etário, dos conteúdos escolhidos. O propósito desta comunicação é descrever e compreender e os significados que os elementos desse grupo atribuem às suas atividades e determinar as razões para as escolhas temáticas e para a aparente superficialidade das abordagens escolhidas.

Título

CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA - MUDANDO A HISTÓRIA ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS.

Autor

ROBSON GARCIA FREIRE

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Nota biográfica

Brasileiro, 50 anos, aposentado, graduando do curso de licenciatura em História pela UVA - Universidade Estadual Vale do Acaraú, no 2º semestre, Editor premiado três vezes com o Blog Caldeirão de Ideias (<http://nteitaperuna.blogspot.com> e <http://caldeiraodeideias.wordpress.com>) eleito o melhor blog de tecnologia educacional nos anos de 2008 (Best Blog Brasil) , 2009, 2010 e segundo colocado em 2012 (Top Blog). Artigo publicado em parceria com a Profª Doutora Ana Beatriz Gomes Pimenta de Carvalho no Simpósio Hipertexto da UFPE www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/RobsonFreire&AnaCarvalho-Letramentodigital.pdf

Palavras chave

Ensino de História; Cinema; Produção de Documentários; Currículo Escolar.

Resumo

O ensino de história através da utilização de fontes históricas variadas, possibilita práticas inovadoras para o ensino de história em sala de aula. A proposta deste artigo é discutir se através do uso de filmes e documentários, de ficção ou não, é possível levar aos alunos uma compreensão histórica dos fatos fortemente amparada na linguagem visual e nas discussões provocadas a partir dela. A produção de documentários na escola, com a finalidade dar voz aos sujeitos subalternizados, propondo assim a inversão da estrutura lógica do currículo escolar vigente pode levar a uma escola mais igualitária, onde os sujeitos do processo de aprendizagem tenham os mesmos papéis. Nessa perspectiva, utilizamos Mesquita (2013); Freire (1967); Moran (1995); Moreira (1999); Laclau; Mouffe (2001); Santos (2003); Napolitano (2002 e 2006); Menezes (2003); Machado (2008); Vicentini e Domingues (2008); Hall (2002); Mance (2009); Caimi; Lamberti; Ferreira (2011); Eyng; Scherer (2011); Bernadet (1980). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa exploratória e os resultados indicam que o uso de filmes e documentário podem fazer o ensino de história nas escolas de uma forma emancipatória e libertária onde todos os sujeitos são agentes de sua própria transformação intelectual e cultural.

Sala 12 . 16:45h às 18:30h

3ª Mesa - Moderação Elisabete Bullara

Título

LA ESCUELA DE “LA MALA EDUCACIÓN” .

Autora

ALMUDENA ÁLVAREZ ÁLVAREZ

Universidade Fernando Pessoa

Nota biográfica

Almudena Álvarez Álvarez (Ourense, 1990), licenciada em Comunicação Audiovisual pela Universidad de Burgos, na atualidade está a realizar estudos de doutoramento na Universidade Fernando Pessoa com um projeto de tese sobre Los monstruos de Pedro Almodóvar. Profissionalmente, trabalhou como gestora de conteúdos e audiovisual na Compañía de Radio-Televisión de Galicia (CRTVG) e na revista ARTECAPITAL na seleção diária de notícias e redação de outros complementos culturais.

Palavras-chave

Mala; Educación; Franquismo; Almodóvar; Escuela; Norma; Religión; Iglesia.

Resumo

En la presente comunicación lo que se pretende es una presentación de la película “La mala educación” del conocido y reconocido cineasta español Pedro Almodóvar para ex-

plicar cómo el director utiliza una institución social como la escuela, pero situándola en un contexto determinado –el franquismo– que le permite el desarrollo argumental planificado. A pesar de las variadas características de la educación franquista, en la película se enfatizan sobre todo aquellas relacionadas con la construcción de la sexualidad en torno a valores patriarcales que representaban a los varones como “activos” y “dominantes” y a las mujeres como “pasivas” y “sumisas”. Este planteamiento buscaba legitimar la reclusión de las mujeres al ámbito doméstico y preservar la esfera pública para los hombres. Por tanto, cualquier práctica transgresora que modificase los patrones establecidos de “masculinidad” y “feminidad” debía ser castigada. Como puede apreciarse en la cinta “La mala educación”, el entorno escolar actúa como un agente de construcción de género en el que se aprenden modelos normativos de masculinidad. En este sentido, tanto los monjes como los curas juegan partidos de fútbol en el patio de recreo. Además, los alumnos son sometidos cada mañana a una estricta disciplina física que les servirá de entrenamiento para su futura experiencia militar. Además, Almodóvar nos presenta la “figura punitiva/normalizadora” de la institución representada por el padre Manolo ejerciendo su papel regulador de este esquema ideológico pues, una de las escenas, refleja cómo éste entra al dormitorio de los alumnos para evitar que Enrique e Ignacio, dos niños internos en un colegio religioso, tengan un contacto homosexual. No es casualidad que justamente la “autoridad” –ejecutora del control y del cumplimiento de la norma– sea precisamente la primera en violarla con su sexualidad no normativa y su cobardía. Como afirma el propio director, “La religión está en todos mis filmes a partir de Entre tinieblas”. En estas declaraciones Almodóvar manifiesta de una forma patente y clara su relación con la religión, pero por lo general, en sus películas el elemento religioso desempeña un papel eminentemente decorativo, herencia, por un lado, de la pompa represiva franquista, y, por otro, del elemento puramente “Kitsch”. Sin embargo en otras, como en la presente, tiene un protagonismo argumental más reseñable en intrínseca relación con la educación. Almodóvar se posiciona. Así que la pregunta es inevitable ¿Cuál es la buena educación para Almodóvar?

Título

PROJETANDO IDEIAS SOBRE MATERIAIS PEDAGÓGICOS SOBRE FILMES.

Autora

ANA PAULA NUNES DE ABREU

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ Universidade Federal da Bahia

Nota biográfica

Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) e Mestre em Comunicação / Cinema (UFF). Dirigiu o curta-metragem Âmagô (menção honrosa para a atriz Mariah da Penha no 35º Festival de Cinema de Brasília) e o vídeo Mãos (prêmio do júri no Vide Vídeo 2000). Operando principalmente nas áreas: cinema, cinema e educação, cinema e dança, videodança. Foi professora de Cinema no curso de Dança (UFRJ). Atualmente, é professora do curso de Cinema e Audiovisual na UFRB, onde, além das atividades de ensino e pesquisa, desenvolve o projeto de extensão Quadro a Quadro. Desde 1998, é um membro da ong CINEDUC - Cinema e Educação, por meio da qual trabalhou em vários projetos e oficinas de Vídeo e Linguagem Audiovisual para professores, jovens e crianças.

Palavras chave

Arte-educação; análise fílmica; metodologia.

Resumo

No Brasil, os “Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte”, com base na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, destacam a importância do ensino artístico integrar o tripé: apreciar – contextualizar – produzir. De forma intrínseca à habilidade de apreciar, está a de acessar, pensada aqui principalmente como atividade simbólica, visto que é necessário o exercício do ver, para ampliar a compreensão da linguagem audiovisual, possibilitando que o espectador queira acessar a diversidade e a riqueza do cinema. Neste contexto, apresento a Caixa Anjo Negro – Cineclube Mário Gusmão, produto idealizado pela professora Cyntia Nogueira e desenvolvido por estudantes do curso de Cinema e Audiovisual da UFRB. Trata-se de uma iniciativa que promove o acesso e a apreciação do cinema baiano e brasileiro, a partir de um box que contém 4 DVDs com 43 curtas-metragens baianos, alguns extras e um catálogo com 27 críticas, além de um encarte para educadores intitulado “Projetando ideias”. Esta comunicação será uma reflexão sobre a atividade de coordenação do conteúdo dos textos do encarte para educadores, produzidos pelos alunos. Ou seja, uma experiência do tripé do ensino artístico com os estudantes de cinema, à medida que a escrita potencializou a apreciação estética dos estudantes e a pesquisa para contextualizar as obras. Sobretudo, os estudantes aprenderam através do exercício de despertar o olhar do Outro. Desta forma, o nome “Projetando ideias” atua como um dispositivo que lança luz aos curtas metragens e amplia alguns aspectos das obras para potencializar a experiência, com pistas para que o(a) educador(a) construa sua própria aventura exploratória nos “caminhos pedagógicos”.

Título

BRÁS CUBAS NA SALA DE AULA: APROXIMAÇÕES CINEMATográfICAS.

Autor

FABIO DIAZ CAMARNEIRO

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de São Paulo (USP)

Nota biográfica

professor da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e doutorando em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo ECA/USP. É mestre em Comunicação Impressa e Audiovisual pela mesma ECA/USP e Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Faculdade Cásper Líbero de São Paulo. Pesquisador, roteirista e crítico de cinema, foi editor de texto da série "Brasil Portugal: Lá e Cá" (coprodução TV Cultura e RTP2 de Portugal), escreveu o roteiro de "Curupira" (melhor curta no Festival do Rio, 2005). Escreve crítica de cinema na Revista Cinética (www.revistacinetica.com.br) e no blog Retrovisor (www.camarneiro.blogspot.com.br).

Palavras-chave

Machado de Assis; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Cinema Brasileiro; Adaptação Cinematográfica; Poética Da Emulação.

Resumo

Torna-se cada vez mais comum, nos estudos literários, o uso de adaptações cinematográficas como material didático de apoio. No exemplo do escritor Machado de Assis, uma de suas principais obras, Memórias póstumas de Brás Cubas, foi duas vezes adaptados para o cinema. A versão mais recente, Memórias póstumas, dirigida por André Klotzel em 2001, parece ser, à primeira vista, mais "literal" ao texto machadiano, representando episódios do livro na ordem em aparecem no texto do autor carioca. Porém, ainda mais interessante é a primeira adaptação, intitulada Brás Cubas e dirigida por Júlio Bressane em 1985. O realizador trabalha de maneira mais livre o enredo machadiano, e concentra seus esforços em recriar, com os elementos poéticos próprios do cinema, as características centrais da escrita machadiana, num processo intertextual que o poeta brasileiro Haroldo de Campos chamaria de "transcrição". Para além de uma representação mais ou menos fiel ao enredo do livro, o que estaria em questão no Brás Cubas de Júlio Bressane é a (im)possibilidade de "traduzir" os elementos centrais do "estilo" de Machado para o cinema. Em outras palavras, ao invés de narrar as desventuras do defunto-autor, Bressane tenta filmar "como" o narrador do livro escreve. A saber, "com a pena da galhofa e a tinta da melancolia". Ao se aproximar do que João Cezar de Castro Rocha chamou de "poética da emulação", o fazer cinematográfico de Bressane cria diálogos mais interessantes com o original machadiano e possibilita, a partir de uma leitura comparativa, elucidar de maneira inequívoca a importância do texto machadiano e pensar e maneira mais problematizada as relações entre cinema e literatura. A "poética da emulação" se torna uma maneira de aproximar Machado de Assis e Júlio Bressane, apesar da distância histórica, pela maneira como ambos, na literatura e no cinema, relacionam-se com a tradição universal.

03 de Maio

Teatro Municipal Sá de Miranda

10:00h

DOCUMENTÁRIO CONTEMPORÂNEO

Moderação Manuela Pena Fria e Jorge Campos

Título

BELARMINO (1964) DE FERNANDO LOPES: CINEMA INDIRECTO.

Autor

JORGE MANUEL COSTA CAMPOS

ESMAE, Instituto Politécnico do Porto

Nota biográfica

Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Santiago de Compostela, Jorge Campos é cineasta, jornalista, programador cultural e Professor Adjunto do Instituto Politécnico do Porto. Responsável pela área científica de Estudos Visuais do Departamento de Artes da Imagem (DAI), lecciona unidades curriculares de Cinema e é responsável pela especialização em Cinema Documental do Mestrado em Comunicação Audiovisual da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (ESMAE). Ao longo do seu percurso como docente e investigador do Ensino Superior ocupou-se, também, da Televisão, do Jornalismo e das Teorias da Comunicação Social. Orientador de projectos de Cinema ao nível de licenciaturas e mestrados tem ensaios e textos teóricos em diversas publicações. A sua actividade docente é articulada com a realização regular de documentários, os quais resultam de parcerias com entidades externas e nos quais são habitualmente envolvidos

professores, alunos e ex-alunos do DAI. Na sua filmografia cabem obras sobre diversas figuras da vida e cultura portuguesas como o General Humberto Delgado, Martins Sarmiento, Miguel Torga, Eugénio de Andrade, Nadir Afonso, Teixeira Gomes e Fernando Lanhas. Filmou em vários países e regiões: Amazônia, Círculo Polar Ártico, Ilhas Galápagos, Brasil, Equador, Rússia; França, Noruega e Espanha. Trabalhos seus, quer de âmbito académico, quer do cinema e do jornalismo, foram premiados ou distinguidos. Membro de júris de diversos festivais nacionais e internacionais fez igualmente parte de bolsas de jurados do Instituto de Cinema e Audiovisual. É o programador do ciclo de Fotografia e Cinema Documental Imagens do Real Imaginado (IRI) da ESMAE. Foi o responsável pela área de Cinema, Audiovisual e Multimédia do Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura.

Palavras chave

Documentário; Cinema Indirecto; (Im) Possibilidades; Cinema Português; Boxe.

Resumo

Belarmino (1964) de Fernando Lopes é um dos casos mais interessantes de uma cinematografia cuja singularidade surpreende na medida em que sendo pobre, no sentido de se ver tradicionalmente confrontada com uma desoladora penúria de meios, tem produzido no seu interior um conjunto de obras inclassificáveis, possivelmente sem paralelo no panorama do cinema europeu. Não que os seus cineastas sejam imunes às correntes suas contemporâneas, pelo contrário. Mas, talvez devido a essa exiguidade de meios e, seguramente, a uma especificidade cultural cujas idiosincrasias determinam uma forma peculiar de ser, eles têm sido capazes, ao longo dos anos, de fazer surgir filmes inesperados. Belarmino, sobre um campeão de boxe caído em desgraça, é um deles. E é tanto o retrato de um homem quanto de uma cidade num determinado tempo histórico. Os sinais desse tempo estão sempre presentes. Sinónimo de uma certa noite lisboeta, o Ritz Clube é um deles. Outro é o Jazz que aparece pela primeira vez num documentário português pela mão de Manuel Jorge Veloso e do grupo do Hot Club de Portugal. Mas, o que mais impressiona são as soluções narrativas que transcendem a antítese subjacente aos postulados dos partidários da política dos autores, com a sua preferência pela câmara frontal e a organização do plano, aos dos partidários do cinema de montagem, do qual Fernando Lopes, ele próprio um exímio montador, era adepto. Em Belarmino há marcas do free cinema, do candid eye televisivo, do direct cinema a que Robert Drew começou por chamar screen journalism e do cinéma vérité de Jean Rouch. Só que o filme não é nada disso. Por alguma razão Fernando Lopes falava de cinema mentira. E de cinema indirecto.

Título

ESCRITO NA PAISAXE: MIRADAS DOCUMENTAIS VERQUIDAS SOBRE A MEMORIA DA TERRA, SOBRE O QUE FLÚE E O QUE PERMANECE.

Autor

FERNANDO REDONDO NEIRA

Universidade de Santiago de Compostela

Nota biográfica

Profesor da área de Comunicación Audiovisual da Facultade de Ciencias da Comunicación da Universidade de Santiago de Compostela. Autor do libro *Carlos Velo. Itinerarios do documental nos anos trinta e coordinador do volume Cidadanía e Documental*. Membro da Asociación Española de Historiadores do cine (AEHC) e da Asociación Galega de Investigadores da Comunicación (AGACOM).

Palavras chave

Paisaxe; Mirada; Reflexión; Coñecemento; Metáfora.

Resumo

Achegámonos a esta proposta de análise e reflexión coa intención primeira e elemental de deixar constancia do emerxer de anovadoras propostas documentais que, no eido do audiovisual galego, están a verquer unha froitífera mirada sobre a paisaxe. Constrúense así suxerentes discursos que propoñen novas interrogantes sobre o lugar do individuo no medio natural, a súa intervención sobre dito medio, a relación e diálogo que mantén con el e, en definitiva, a idea de indentidade que isto conforma. Dende títulos como *Montaña en sombra* (2012) ou *Costa da Morte* (2013), premio no Festival de Locarno, Lois Patiño, afonda na inefábel capacidade do cinema para, a partires dunha esencial actitude contemplativa e poética, capturar o devir da natureza e redescubrir o placer de mirar de novo para acadar un certo grao de coñecemento respecto do real. Non lonxe, por certo, de referentes tales como James Benning e seguindo re comendacións de quen, como Nathaniel Dorsky entre outros, pulan por conquerir que as imaxes existan e se expresen por si mesmas. Con este obxectivo, recurriremos á metodoloxía de análise fílmica, xunto con documentado estudo do contexto cultural e, máis particularmente, do escenario audiovisual no que xorden títulos como os citados. Referirémonos entón a modelos de produción e difusión do que participan títulos como *Arraianos* (Eloi Enciso, 2013), que certamente se corresponde a un modelo ben distinto, no que o documental e o ficcional se interrelacionan para crear un discurso altamente distanciado e reflexivo, pero que comparte con aqueles outros títulos un evidente alento metafórico que busca a implicación directa do espectador. Achegas todas elas que, en certa maneira, atenden ao requerimento do crítico Adrian Martin, quen, nunha das cartas de *Moovie Mutations*, aseguraba que en tempos (como os actuais, engadimos nós) de crise e confusión buscamos nas películas conceptos, metáforas e esquemas que poidan proporcionarnos sabiduría e sensacións.

Título

A CRIAÇÃO MUSICAL PARA DOCUMENTÁRIOS: OS PASSOS NA CRIAÇÃO E A RELAÇÃO COM A IMAGEM

Autor

RAFAEL VILAÇA E MOURA DO VALE MACHADO

Escola Superior de Tecnologia e Gestão

Nota biográfica

Nascido em Braga em 09 de Dezembro de 1971. Iniciei o estudo da música no Conservatório de Música da Fundação Calouste Gulbenkian naquela cidade, aprendendo a tocar piano. No final dos anos 80 comecei a participar em bandas rock, primeiro como baterista e baixista, e mais tarde como pianista / tecnista e guitarrista. Destaca-se nessas bandas os Mão Morta, de que ainda faço parte, os UM ZERO AMARELO e mais recentemente o projecto de spoken word ESTILHAÇOS, com Adolfo Luxúria Canibal, Jorge Coelho e Henrique Fernandes. Paralelamente a esta actividade sempre tive uma oferta atracção pelas bandas sonoras, as quais influenciaram as minhas primeiras composições ao piano, algumas das quais seriam utilizadas em espectáculos encenados dos Mão Morta. Por isso, tenho dedicado parte do meu tempo a compor para exposições de artes plásticas, documentários, curtas-metragens, peças de teatro. Isso permitiu-me trabalhar com pessoas como António Fonseca, António Durães, Almeno Gonçalves, Nuno Tudela, Rodrigo Areias, Luís Fernandes, a AO NORTE, entre outros. Paralelamente a esta actividade sou formado na área do turismo, exercendo a função de técnico em diversos tipos de projectos e sendo docente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do IPVC.

Palavras chave

Musica; Banda Sonora; Método; Relação Criativa.

Resumo

Este artigo trata de uma visão muito pessoal de um compositor de música para documentários, relatando um conjunto de experiências desenvolvidas. Ao longo do texto cria-se um percurso que vai abordando diversos pontos considerados essenciais no processo de criação musical para os documentários. Partindo de uma introdução genérica ao tema, o autor organiza o artigo em diferentes secções: a descoberta, onde aborda o início do processo de contacto com o filme; a composição, aborda todo o trabalho inerente a criar os ambientes musicais; a tecnologia fala sobre o desenvolvimento deste trabalho e as novas tecnologias, a relação com a equipa transmite uma visão sobre o processo sensível de relacionamento entre músico e demais equipa de produção. Termina com as conclusões onde se retiram algumas ideias base para discussão futura sobre o tema.

Título

NARRATIVAS ALTERNATIVAS: O “FILME DE BORDAS” PORTUGUÊS.

Autor

PAULO CUNHA

Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra

Nota biográfica

Doutorando em Estudos Contemporâneos na Universidade de Coimbra, membro do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da mesma universidade, dirigente da AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento e coordenador editorial da Nós por cá todos bem. Co-organizador, com Michelle Sales, de Cinema Português: Um Guia Essencial (SESI-SP Editora, São Paulo, 2013).

Palavras chave

Cinema Português; Cinema de Bordas; Paracinema; Trash Culture; Redes sociais.

Resumo

De acordo com a proposta de Bernardette Lyra e Gelson Santana, o “filme de bodas” é um tipo de produção audiovisual de ficção que dialoga com a cultura de massas e é realizado em contextos comunitários, geralmente por equipas amadoras, com características específicas de produção e exibição. Produzido e distribuído à margem das instituições audiovisuais convencionais, nasce de um diálogo entre os modos do sistema popular (oralidade e a corporalidade) e os sistemas de códigos dos géneros cinematográficos e, sobretudo, televisivos. Este conceito brasileiro de “cinema de bordas” está muito próximo de outros conceitos internacionais como paracinema (Jeffrey Sconce 1995) ou trash culture (David La Guardia 2008). Em Portugal, na última década, tem-se assistido a alguns fenómenos que podem ser lidos como “filmes de bordas” portugueses: a trilogia Balas e Bolinhos (2001, 2004, 2012), Bófia Prostituto (2003), 100 Volta (2009), A última Famel (2010), O Lenhador Assassino (2011), Comando (2011) ou a saga Estrondo (2012, 2013). Espaços alternativos como as redes sociais (Youtube e Facebook sobretudo), a SIC Radical e o MOTELx – Festival Internacional de Cinema de Terror de Lisboa têm dado visibilidade a muitas destas produções marginais, trazendo-lhe um (maior) reconhecimento do público e de alguma crítica cinéfila, sobretudo na blogosfera. Interessa-me essencialmente os casos que sejam protagonizados por autodidactas e que produzam fora de uma qualquer lógica institucional, apesar de muitos deles se institucionalizarem de forma informal em “produtoras” ou colectivos de produção. Interessa-me estudar este tipo de produção porque, apesar de ge-

almente desqualificada - ou mesmo estigmatizada - pelo meio crítico ou académico, este tipo de produção é um fenómeno em expansão que integra um contexto sócio-cultural mais amplo. O propósito desta proposta é mapear a produção de "filmes de bordas" em Portugal, procurando caracterizar e reflectir sobre este tipo de fenómeno que funciona à margem dos canais convencionais de produção e distribuição de cinema.

**XIV ENCONTROS
DE CINEMA**
VIANA 28 ABRIL • 04 MAIO 2014

3.^a CONFERÊNCIA
> INTERNACIONAL
DE CINEMA DE VIANA